

Itamar acusa governo de 'comprar' votos

Ex-presidente tacha integrantes do partido de "mercenários" e nega-se a definir seu futuro

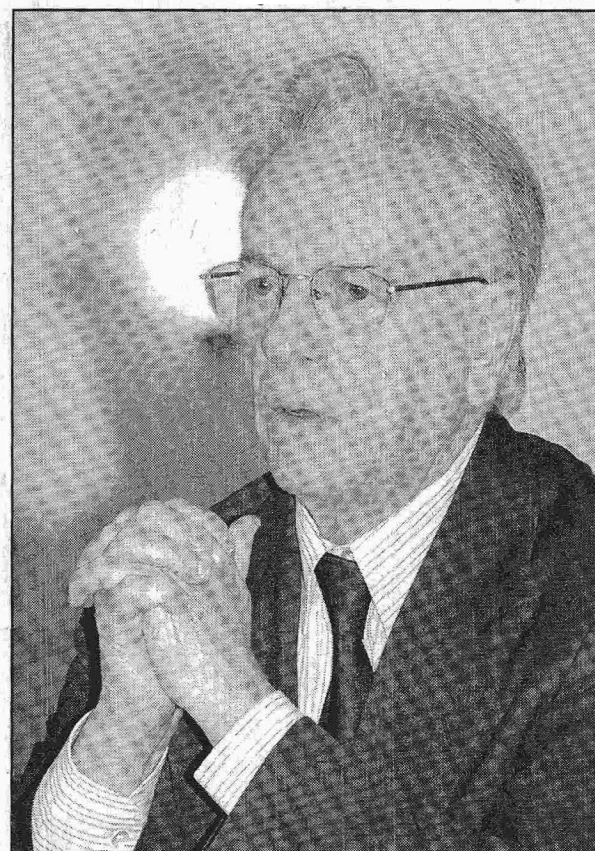
JOÃO DOMINGOS

BRASÍLIA – O ex-presidente Itamar Franco disse ontem que o governo "comprou" os convencionais do PMDB que deram a vitória à proposta de apoio à reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso. Segundo Itamar, o PMDB pode desaparecer se continuar a ser dominado pelos "mercenários". Itamar Franco deixou de lado o "acordo de cavalheiros" que propusera na sexta-feira à ala governista do PMDB e disse que de forma alguma vai apoiar a reeleição, porque é contrário à tese.

Tendo ao lado o ex-ministro José Aparecido e o deputado Raul Belém (PFL-MG), dois fiéis companheiros, o ex-presidente afirmou que, por enquanto, vai ficar em Minas, estudando a reação dos mineiros à decisão do PMDB. Ele não adiantou o que pretende fazer no campo político: se vai continuar pensando na Presidência, se vai disputar o governo de Minas ou se poderá optar pela disputa de uma vaga de senador.

Itamar disse que vai entregar o cargo de embaixador do Brasil na Organização dos Estados Americanos (OEA) no dia 2 de abril, fazendo seu discurso de despedida no dia 31 de março. Itamar voltou a dizer que seu candidato a presidente em 1994 era o governador do Rio Grande do Sul, Antônio Britto, e não o presidente Fernando Henrique Cardoso. Na convenção do PMDB domingo, Britto nem sequer cumprimentou Itamar. O ex-presidente disse que não ficou magoado, mas triste.

A seguir, os principais pontos da entrevista de Itamar Franco, conce-



José Paulo Lacerda/AE

Depois da derrota: "Não vou mais pregar no deserto"

dida ontem em Brasília:

A vitória do governo – "O lado que ganhou comprou, usou verbas federais, usou ministro, perdeu a compostura. Isto denegriu a imagem do político brasileiro."

O respeito à decisão da convenção – "Eu propunha um acordo de cavalheiros. Eu pedia que um representante de cada uma das alas fosse à tribuna, antes de iniciar a convenção, e estabelecessem um acordo de cavalheiros: quem perdesse respeitaria a decisão da convenção. Ninguém me respondeu. Eu não vou ficar mais

pregando no deserto."

Fim do PMDB – "Se for mantido como um partido de mercenários, é o fim mesmo. As vaías foram com-

pradas. O presidente Vargas já dizia que as vaías são uma atitude pública. Mas as da convenção foram sob o vil metal, com policiais à paisana. Lutei por liberdades públicas, mas não por esta liberdade comprada por homens do governo, homens do ministério do senhor presidente Fernando Henrique Cardoso."

A reeleição – "Sou contra. Quero recordar 1994. Então presidente da República, fui procurado pelo líder Pedro Simon, eu lhe disse que não tocasse na reeleição por-

que não pretendia dela me aproveitar. Esta reeleição não foi aprovada em 1994. E àquela época, propositalmente, não se fixou a reeleição. Porque, diga-se a verdade, havia um medo de que o senhor Lula vencesse no primeiro turno, como as próprias pesquisas estavam dando."

Antônio Britto – "Pouco depois do dia 2 de julho, nós lançamos o Real no dia 1.º, eu tinha uma pesquisa que dava os seguintes números: Fernando Henrique Cardoso, 10%, Britto, 19%, Lula, 45%. Com este resultado, muita gente queria que eu abandonasse a candidatura de Fernando Henrique Cardoso. Eu tive uma conversa com o Britto. Ele me disse: 'Meu caro Itamar, eu não quero ser candidato a presidente da República, mas quero governar o Rio Grande do Sul. Portanto, não leve meu nome à candidatura presidencial.' Não estou magoado. Estou triste. Esperava receber pelo menos um abraço no plenário, do Britto e do senador Pedro Simon, meu líder do governo."

O futuro – "Estou voltando a Minas Gerais, para ter um debate dia 12, na Faculdade de Direito da Universidade Federal. Vou conversar com os companheiros, vou sentir na rua o que pensa Minas, porque são as minhas raízes. Ao longo da minha vida, tenho ouvido Minas Gerais. Diria que Minas queria e quer uma candidatura presidencial. Sem ouvir o sentimento de Minas, não posso dar resposta nenhuma."

As críticas de Jader – "Este cidadão Jader Barbalho esqueceu que uma embaixada não é missão de partido; é missão de país. Na convenção só não disse ao cidadão Jader Barbalho o que penso dele e o que sei dele porque também aprendi no meu lar mineiro que há momentos de calar. Mas eu poderia lembrar que mal chegado ao Senado, ainda muito jovem, me foi mostrado um dossiê sobre sua vida, de mais de um metro de altura."

O cargo no governo – "Eu sou um ex-presidente da República e fui indicado para exercer esta missão em nome do País. Fui indicado por um presidente da República, que nunca ninguém tinha feito ministro de Estado, e eu o fiz ministro de Estado duas vezes."

O candidato em 1994 – "Meu candidato não era o ministro Fernando Henrique, era o governador Antônio Britto, ou então, o embaixador José Aparecido, que adoeceu. Mas não digo que lamento ter apoiado o presidente Fernando Henrique. Ele foi meu colega de Senado, foi ministro das Relações Exteriores, ministro da Fazenda e participava de todas as reuniões do Ministério."

Relação com FHC – "Uma vez fui conversar com o presidente Fernando Henrique e disse a ele, na intimidade, que poderia dizer: Fernando, vamos nivelar os nossos olhos. Se nós não nivelarmos os nossos olhos, não podemos conversar. Você se esqueceu da defesa da Vale do Rio Doce, feita pelo saudoso senador Severo Gomes; você propôs a reeleição e defende a reeleição sem ter me avisado pelo menos disto. Então, você me permita que eu vá às ruas combater a reeleição, combater a Vale do Rio Doce. Meu cargo estará sempre à sua disposição."



PARA ITAMAR,
CARGO NA OEA
É DO PAÍS, NÃO
DO PARTIDO